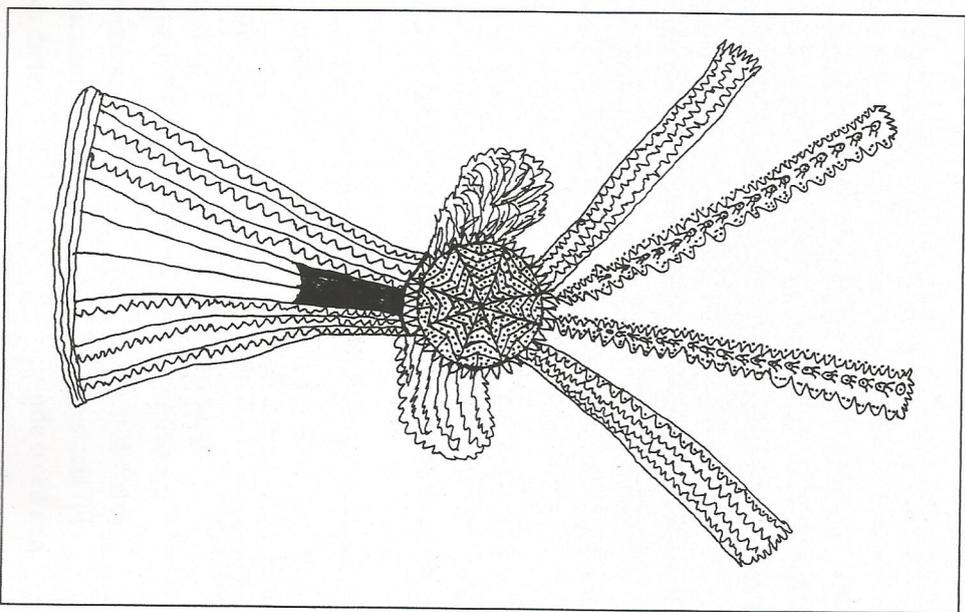


assim, os fantasmas saudosos logo levariam todos os parentes consigo para as costas do céu e os humanos não parariam de morrer, um depois do outro, depressa demais. Não seria boa coisa! Os fantasmas, ao contrário de nós, vivem por muito tempo. Mas, mesmo assim, até eles acabam morrendo. Então, depois de virarem seres mosca e urubu, vão morar ainda mais longe nas alturas, de baixo de um céu novo, ainda jovem e transparente, que está acima desse cujo peito avistamos da terra.

8. O céu e a floresta



Espelhos e caminhos dos espíritos.

Quando, às vezes, o peito do céu emite ruídos ameaçadores, mulheres e crianças gemem e choram de medo. Não é sem motivo! Todos tememos ser esmagados pela queda do céu, como nossos ancestrais no primeiro tempo. Lembro-me ainda de uma vez em que isso quase aconteceu conosco. Eu era jovem na época.¹ Estávamos acampados na floresta, perto de um braço do rio Mapulá. Tínhamos saído, com alguns homens mais velhos, à procura de uma moça do rio *Uxi u* que tinha sido levada por um visitante de uma casa das terras altas, a montante do rio Toototobi. Anoitecia. Não havia nenhum ruído de trovão, nenhum raio no céu. Tudo estava em silêncio. Não chovia, e não se sentia nenhum sopra de vento. No entanto, de repente, ouvimos vários estalos no peito do céu. Foram se sucedendo, cada vez mais violentos, e pareciam bem próximos. Era mesmo muito assustador!

Aos poucos, todos se puseram a gritar e soluçar de pavor no acampamento: “*Aé!* O céu está despencando! Vamos todos morrer! *Aé!*”. Eu também tinha medo. Ainda não havia me tornado xamã, e perguntava a mim mesmo, muito inquieto: “O que vai acontecer conosco? Será que o céu vai mesmo cair em cima de nós? Vamos todos ser arremessados para o mundo subterrâneo?”. Naquela época, ainda havia grandes xamãs entre nós, pois muitos de nossos maiores ainda estavam vivos. Então, vários deles começaram a trabalhar juntos para segurar a abóbada celeste. No tempo antigo, seus pais e avós haviam ensinado esse trabalho a eles, que por isso foram capazes de impedir mais essa queda. Assim, depois de algum tempo tudo se acalmou. Mas estou certo de que, uma vez mais, o céu tinha mesmo ameaçado se quebrar acima de nós. Sei que isso já ocorreu, muito longe da nossa floresta, lá onde a abóbada celeste se aproxima das bordas da terra. Os habitantes dessas regiões distantes foram exterminados, porque não souberam segurar o céu. Mas aqui onde vivemos ele é muito alto e mais sólido. Acho que é porque moramos no centro da vastidão da terra.² Um dia, porém, daqui a muito tempo, talvez acabe mesmo despendo em cima de nós. Mas enquanto houver xamãs vivos para segurá-lo, isso não vai acontecer. Ele vai só balançar e estalar muito, mas não vai quebrar.³ É o meu pensamento.

Todos os seres que moram na floresta têm medo de ser eliminados pela imensidão do céu, até os espíritos. É isso, finalmente, que a gente de nossas

casas receia, é isso que a faz chorar. Todos bem sabem que o céu já caiu sobre os antigos, há muito tempo. Conheço um pouco dessas palavras a respeito da queda do céu. Escutei-as da boca dos homens mais velhos, quando era criança. Foi assim. No início, o céu ainda era novo e frágil. A floresta era recém-chegada à existência e tudo nela retornava facilmente ao caos. Moravam nela outras gentes, criadas antes de nós, que desapareceram. Era o primeiro tempo, no qual os ancestrais foram pouco a pouco virando animais de caça. E quando o centro do céu finalmente despencou, vários deles foram arremessados para o mundo subterrâneo. Lá se tornaram os *aōpatari*, ancestrais vorazes de dentes afiados que devoram todos os restos de doença que os xamãs jogam para eles, embaixo da terra. Continuam morando lá, junto do ser do vendaval, *Yariporari*, e do ser do caos, *Xiwārīpo*. Vivem ali também na companhia de seres queixadas, vespas e vermes tornados outros.

As costas desse céu que caiu no primeiro tempo tornaram-se a floresta em que vivemos, o chão no qual pisamos. Por esse motivo chamamos a floresta *wāro patarina mosi*, o velho céu, e os xamãs também a chamam *hutukara*, que é mais um nome desse antigo nível celeste. Depois, um outro céu desceu e se fixou acima da terra, substituindo o que tinha desabado. Foi *Omana* que fez o projeto, como dizem os brancos. Pensou no melhor modo de torná-lo sólido e introduziu em todo o céu varas de seu metal, que enfiou também na terra, como se fossem raízes.⁴ Por isso, este novo céu é mais sólido do que o anterior, e não vai desmanchar com tanta facilidade. Nossos xamãs mais antigos sabem tudo isso. Sempre que o céu começa a tremer e ameaça arrebear, enviam sem demora seus *xapiri* para reforçá-lo. Sem isso, o céu já teria desabado de novo há muito tempo!

A gente do primeiro tempo não era tão sabida. Mas se esforçaram muito tentando impedir a queda do primeiro céu. Transtornados de medo, cortaram estacas frágeis demais, na madeira mole e nos troncos esburacados das árvores *tokori* e *kahu usihi*. A maior parte desses ancestrais foi esmagada ou lançada para debaixo da terra, a não ser num lugar, onde o céu se apoiou num cacauero, que vergou sob o peso mas não quebrou. Isso foi no centro de nossa floresta, onde estão as colinas que chamamos *horepē a*.⁵ Um papagaio *werhe* foi mordiscando o retalho de céu preso no cacauero e aos poucos abriu nele um buraco, por onde essas gentes do primeiro tempo conseguiram escapar. No final, saíram na floresta das costas do céu, onde continuaram vivendo. Os xa-

mãs chamam-nos *hutu mosi horiepē t^heri pē*; a gente que saiu do céu. Mas esses ancestrais acabaram desaparecendo. Viraram outros e foram levados pelas águas, ou foram queimados quando a floresta toda se incendiou, há muito tempo.⁶ Isso é o que sei. Vimos à existência depois deles, e foi nossa vez de existir e aumentar. De modo que somos os fantasmas da gente que saiu do céu.

Quando um xamã muito velho fica doente por um longo período e acaba se extinguindo por si só, seus *xapiri*, em silêncio, vão aos poucos deixando sua casa de espíritos. Abandonada, ela começa a desabar. Não acontece nada além disso. Por outro lado, se um xamã ainda jovem tiver uma morte violenta, flechado por guerreiros ou comido por feiticeiros inimigos, seus espíritos ficam enfurecidos. O céu escurece e chove sem parar. A ventania bate com força nas árvores da floresta, os seres trovão berram com violência, enquanto os seres raio explodem com estrondo. A chuva não para e os espíritos do céu despejam incontáveis cobras sobre a terra. Os espelhos dos espíritos onça se despregam e essas feras começam a rondar por toda a floresta. Tudo isso acontece quando morre um xamã que tinha uma casa de espíritos muito alta.⁷ Então seus *xapiri* ficam furiosos por terem ficado órfãos, e querem quebrar o céu por vingança. Os espíritos dos pica-paus *éxama* e *xoi^het^hma*, e depois os dos pássaros *yókitimma usi*, golpeiam o peito dele com toda a força de seus machados e facões afiados. Pedagos inteiros da abóbada celeste começam a quebrar, com estrondos tão fortes que até os xamãs sobreviventes ficam apavorados!⁸ Então eles devem despachar depressa seus próprios espíritos, para consertá-la e conter a fúria dos *xapiri* órfãos.

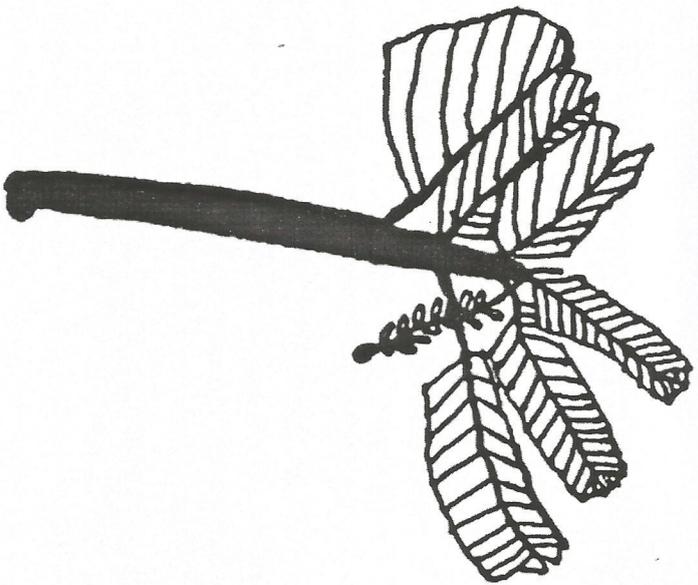
O céu se move, é sempre instável. O centro ainda está firme, mas as beiradas já estão bastante gastas, ficaram frágeis. Ele se torce e balança, com estes aterrorizantes. Os pés que o sustentam nos confins da terra tremem tanto que até os *xapiri* ficam apreensivos! Um deles, porém, o espírito macaco-aranha, mostra ser de todos o mais corajoso. Vindo de muito longe, ele é sempre o primeiro a segurar os pedagos de céu que se desgarram e a tentar reforçá-lo. Não é um macaco da floresta, é um ser celeste, um espírito antigo e poderoso de mãos muito habilidosas. Ele no entanto não conseguiria fazer esses consertos sozinho. Muitos outros espíritos o auxiliam, como os do macaco-da-noite, do jupará, da irara *hoari* e do esquilo *wayapaxi*. Mas ele também chama como

reforço os espíritos celestes *hutukari*, os espíritos raio *yāpirari* e os espíritos trovão *yārimari*.

Todos esses *xapiri* chegam em grande número. Arrancam os machados e facões das mãos dos espíritos órfãos enfurecidos. Abraçam-nos, fazem com que se agachem e procuram acalmá-los. Depois, juntando forças, procuram impedir que o céu danificado desabe. Os espíritos preguiça atiram varetas de metal com suas espingardas, para preencher as brechas. Os espíritos formiga *ahōrōmma asi* despejam visgo nas rachaduras para vedá-las. Então, os estalos vão parando aos poucos. No fim, quando o silêncio retorna à floresta, a gente de nossas casas — e até quem costuma duvidar dos xamãs — diz a si mesma: “Não é mental! Eles viram espíritos mesmo e sabem conter a queda do céu!”. Nossos ancestrais sabem fazer esse trabalho desde o primeiro tempo. Se não o tivessem feito, a abóbada celeste já teria despencado sobre nós há muito tempo. Mas apesar de todos esses esforços o céu continua instável e frágil, à mercê dos espíritos dos xamãs mortos que sempre querem recortá-lo.

Os *xapiri* também trabalham sem descanso para impedir a floresta de retornar ao caos. Quando a chuva cai sem parar e o céu fica coberto de nuvens baixas e escuras durante dias, a um dado momento, não aguentamos mais. Ficamos sem poder caçar nem abrir roças novas para plantar bananeiras. Temos pena de nossas mulheres e crianças, que ficam com fome de carne de caça. Ficamos cansados da umidade e também temos vontade de comer peixe.⁹ Então, acabamos pedindo ajuda aos xamãs mais antigos, conhecedores do ser da chuva *Maari*, para que o convençam a parar. Então, logo bebem *yákkana* e começam a trabalhar. Seus espíritos limpam o peito do céu, e depois vão chamar o ser sol *Mot^hokari* e *Onoari*, o do tempo seco. Depois, viram a chave das águas de chuva e trazem de volta a claridade do céu. Quando eu era criança, muitas vezes vi meu sogro trabalhar assim para fazer a chuva recuar e alegrar a floresta. Chamamos isso de fazer *payēmnu*.

Durante o tempo da cheia, as filhas e filhos do ser da chuva, *Maari*, e do tempo encoberto, *Ruēri*, dançam alegremente acima da floresta, agitando folhas novas de palmeira *hoko si*, como os convidados durante a dança de apresentação. Se as palmas estiverem muito úmidas, a chuva não acaba mais! Então, os espíritos das cigarras *rōrōkona*, *kutemo*, *kreemo* e *tātātāna*, bem como os dos



japins *kori*, *ixaro* e *napore*, têm de pegá-las e levantá-las para perto do calor do sol. Enquanto as sacodem para secá-las, começa a soprar uma brisa. É o vento de verão, que chamamos *iproko*. Todos esses *xapiri* são as filhas e genros do ser do tempo seco, *Omoari*. Por isso sabem fazer esse trabalho tão bem. Mas, para que o aguaceiro termine mesmo, ainda é preciso que os espíritos do pica-pau *éxama* e do lagarto *roha* levantem o pênis do ser da chuva e o amarrem em torno de sua cintura.¹⁰ A outros *xapiri* caberá, em seguida, deitá-lo na rede e lhe oferecer tabaco para aplacar sua ira. Depois, com muito cuidado, devem tirar de sua cabeça o grande cocar de plumas úmidas, para pô-lo a secar também. É assim que a luz do sol e o calor podem enfim voltar à floresta. A estação seca se instala e as águas começam a baixar. Os brancos não conhecem as imagens do ser da chuva e de seus filhos. Com certeza acham que a chuva cai do céu à toa! Eu, ao contrário, as contemplei muitas vezes em meu sonho, do mesmo modo que meus maiores as viram antes de mim. Assim é. As palavras da gente da floresta são outras.

A estiação tampouco pode voltar enquanto as filhas de *Motu uri*, o ser das águas subterrâneas, continuarem brincando eufóricas nos rios. Os xamãs então

devem enviar seus espíritos para acabar com suas brincadeiras e levá-las de volta para o seco. São os espíritos das cigarras e borboletas que se encarregam disso, em companhia da mulher, das filhas e das noras do ser sol *Mot'ókari*. Depois, o espírito do fogo celeste *T^horomari* ainda tem de flechar o próprio *Motu uri*, puxá-lo pelos braços e queimá-lo.¹¹ Por último, o espírito do pássaro *kōromari* perfura o solo com sua barra de ferro, para que as águas escorram para debaixo da terra: só então o nível dos rios começa a baixar. Mas, para fazer cessar a chuva e a cheia, os *xapiri* também podem lidar com a árvore da chuva, *Maa hi*. É gigantesca, e de suas folhas escorre água o tempo todo. Os xamãs antigos a conhecem bem; meu sogro me contou que cresce nos confins da terra e do céu. É a morada dos seres da noite *tihiri* e dos seres minhoca *horemari*.

Quando a árvore *Maa hi* floresce, começa a chover na floresta e as águas dos rios sobem. Para fazê-la parar de escorrer, os espíritos dos japins *napore* e dos macacos guariba devem sacudir sua ramagem com força para fazer cair as flores. Depois, os espíritos arara devem cortar os seus galhos, auxiliados pelo espírito anta, que os acompanha com sua grande canoa. Quando isso ocorre, a árvore da chuva é rodeada de calor e ouvem-se as cigarras. Os espíritos genro do ser do tempo seco vão buscar o sogro e, para chamá-lo de volta à floresta, entoam com ele um diálogo de convite *himiui*. Recolhem para ele os peixes mortos dos igarapés, que vão secando. Ao final, ele concorda em começar a voltar do lugar distante em que tinha se refugiado. Assim é. *Omoari*, o ser da seca, não responde nem aos espíritos das folhas e das árvores nem aos ancestrais animais. Se os *xapiri* que conhece não fossem buscá-lo, ele não viria por conta própria. Então, a umidade e a escuridão tomariam toda a floresta para sempre e, com o tempo, ela acabaria retornando ao caos.

Quando querem acabar com a gritaria dos seres trovão, os *xapiri* vão à casa deles, nas costas do céu. Agacham-se perto deles e os repreendem: "Sua voz nos incomoda! O que vocês estão fazendo? Por que não ficam calados?" Os trovões, furiosos, logo ameaçam golpeá-los. Porém, para aquietá-los e demonstrar amizade, os espíritos se deitam em suas redes, como se faz com um cunhado.¹² Oferecem-lhes alimento e tabaco. Às vezes, também sopram um pouco de pó de *yákaana* em suas narinas, para acalmá-los. Assim, aos poucos, os trovões

acabam se calando. Se não fosse isso, o estrondo da tempestade não cessaria nunca, como acontecia no primeiro tempo.

Trovão era então um animal;¹³ parecia uma grande anta que vivia num rio, perto de uma cachoeira. No começo, nossos ancestrais não o conheciam. Mas ficaram exasperados de tanto ouvir sua voz potente ressoando na floresta. Cansados, resolveram fazê-lo ficar quieto e o flecharam. Depois cortaram seus despojos, tomando muito cuidado para não espalhar seu sangue pelo chão. Cozinhararam suas carnes com cuidado e as comeram com gosto. No final dessa refeição, um dos caçadores, satisfeito e brincalhão, propôs insistentemente um pedaço de fígado cru que havia sobrado ao genro de Trovão, o ancestral do passado *h^waih^waiyama*. Ele, furioso, deu um golpe repentino na mão do inconveniente e o pedaço de carne foi projetado para as costas do céu, onde reviveu e se multiplicou por toda parte, como milhares de trovões de voz retumbante. São eles que ouvimos hoje em dia, acima da floresta, e que os xamãs têm de convencer a ficar em silêncio.

Os seres raio, por sua vez, parecem araras cobertas de faíscas de luz que, quando batem estrondosamente as asas, projetam reflexos deslumbrantes. São muito poderosos, e quando sentem fome, logo demonstram toda a sua raiva. Seus pés de fogo caem do peito do céu na floresta, com um barulho horrível. Por isso os xamãs também tratam de conter sua fúria. Para amansá-los, fazem dançar suas próprias imagens e as enviam de volta a eles na forma de *xapiri*. Esses espíritos então agarram os seres raio, para tentar chamá-los à razão: “Mã! Não sejam tão raivosos! Não destruam a floresta dessa maneira! Outras gentes moram nela! Os humanos têm filhos lá!”. Depois, brincam com eles, fazem-lhes cócegas; ou, se não ficarem quietos, acabam batendo neles, e os reprimem com severidade. Então eles se acalmam e voltam a ficar em silêncio; e a tempestade se cala na floresta.

O ser do vendaval, *Yariporari*, também é muito perigoso.¹⁴ Cultiva em sua imensa roça muitas canas-de-flecha. Quando parte em guerra, vai atirando flechas por toda a floresta com muita raiva. Sua força é tão aterradora que até os *xapiri* têm medo a cada vez que ele passa, revirando tudo. Sacode nossas casas e derruba as grandes árvores sobre nossos acampamentos. Destroça as ramadas, emaranha o mato rasteiro e bate violentamente contra os troncos. O ser tatu-canastra *Wakari* sempre o acompanha, cortando as raízes com seu enorme facão. *Yariporari* é um vendaval terrível, que caiu debaixo da terra no primeiro

tempo. Fica escondido num buraco fundo, coberto por uma tampa pesada, que às vezes é levantada pelos *xapiri* por vingança quando estão em luto pelo pai, ou por xamãs enfurecidos contra seus inimigos. Então ele surge com toda a sua força, devastando com violência a floresta e aterrorizando seus habitantes. Quando isso acontece, os espíritos dos pássaros *witwittima namo*, *xiroxiro* e *teatama*, acompanhados dos espíritos gavião *koimari*, tentam agarrá-lo e amarrá-lo. Em seguida, tratam de destruir suas plantações de canas-de-flecha antes de prendê-lo de novo no mundo subterrâneo. De outro modo, sua fúria acabaria aniquilando tudo na floresta e nos varrendo para longe. Antes de meus iniciadores me fazerem conhecer o espírito do vendaval *Yariporari*, eu não pensava que pudesse existir um ser maléfico tão poderoso debaixo da terra! Apesar de ele ser tão perigoso, os xamãs experientes são capazes de fazer dançar também a imagem dele como *xapiri*. Mas então é seu espírito antigo, seu espírito pai, que fazemos descer para espantar as fumaças de epidemia com que os brancos encham a floresta. Assim é. Sem o trabalho dos xamãs, voltaria ao caos depressa. A chuva e a escuridão, a raiva dos trovões, dos raios e do vendaval não cessariam nunca. Só os *xapiri* podem protegê-la e fortalecê-la. Por isso seguimos as pegadas de nossos ancestrais, virando espíritos com a *yákoana*. Isso deixa os *xapiri* felizes e, assim, eles continuam cuidando de nós. Os brancos não sabem nada dessas coisas. Se contentam em pensar que somos mais ignorantes do que eles, apenas porque sabem fabricar máquinas, papel e gravadores!

As pessoas também se queixam junto aos xamãs quando o tempo seco dura demais, quando as bananeiras e a cana-de-açúcar defnham nas roças e os cursos d'água na floresta se esgotam. Então, para pôr fim à seca, eles tratam de trazer de volta para a floresta o ser maléfico do tempo úmido,¹⁵ *Toorori*, que é também o dono da chuva. Para convidá-lo a retornar, enviam até ele os *xapiri* das cheias, das chuvas e do caos, que são as imagens dos seres maléficos *Riori*, *Maari* e *Xiwáripo*. Depois juntam a eles, como reforço, as imagens dos seres do tempo encoberto e da noite, *Ruéri* e *Titiri*. Então, *Toorori*, calcinado e encarquilhado, consegue arrancar-se da barriga do ser sol, *Mot^wokari*, que o tinha engolido. Joga água sobre a própria cabeça e, aos poucos, vai voltando à vida. Aí começa a se vingiar, passando ele a ocupar toda a floresta. Quando isso ocorre, a chuva finalmente volta a cair.

Sem conhecer o trabalho dos antigos xamãs, assim mesmo tentei, certa vez, fazer voltar o tempo das chuvas. Foi aqui, em *Watoriki*, já faz algum tempo.¹⁶ A seca não terminava. O calor ia aumentando. O ser sol *Mothokari* tinha descido do peito do céu e tinha realmente baixado os pés na floresta. *Omoari*, o ser do tempo seco, parecia querer se instalar nela para sempre. Tinha secado todos os cursos d'água e se farrado de peixes e jacarés. Tinha torrado as árvores e assado a terra. As pedras ficaram em brasa. Os animais e os humanos passavam sede. Era o tempo de queimar as roças, como de costume. Mas o vento carregou fagulhas para o mato, que estava muito seco, com o chão coberto de folhas mortas. Então, a floresta à nossa volta começou a queimar. Depois, o incêndio foi aos poucos se propagando para todos os lados. Quando o fogo é assim tão poderoso, vira um outro ser, muito perigoso, que se apropria de todas as árvores à sua volta para construir sua casa. Chegou até mesmo a subir as encostas da Montanha do Vento, perto da nossa casa, onde os seres maléficoss da floresta cultivam suas plantas de feitiçaria. Ficamos muito preocupados, temendo que as chammas as queimassem, espalhando sobre nós uma epidemia *xawara*. A fumaça só aumentava, sem parar. Primeiro, elevou-se bem alto, no peito do céu. Depois recai sobre nós, cada vez mais baixa e densa, e cobriu toda a floresta. Nossos olhos estavam irritados e o peito muito seco. Não enxergávamos mais nada à nossa volta e tossíamos sem parar. Era muito difícil respirar. Tínhamos medo de tudo pegar fogo e acabarmos morrendo sufocados. Tínhamos por nossos filhos, nossa casa e nossas roças.

Então, com meu sogro e todos os xamãs de *Watoriki*, e alguns outros que avisamos por rádio,¹⁷ bebemos pó de *yákokana* e começamos a trabalhar para atrair a chuva. Primeiro fizemos dançar a imagem de *Omana*, para bater no fogo e esmagá-lo. Depois, chamamos os espíritos dos trovões e os de seus genros, para despejarem as águas do céu sobre o braseiro. Fizemos também dançar a imagem do ser do vendaval, para que ela empurrasse a fumaça no céu e a expulsasse para longe de nós. Assim, pouco a pouco, o fogo começou a diminuir. Nossos espíritos então afluxentaram o ser do tempo seco, *Omoari*, com palavras hostis: "Volte para a sua casa! Não vá querer se instalar aqui, senão toda a floresta vai queimar, e seus habitantes junto!". Em seguida, começaram a chamar de volta o ser do tempo das chuvas, *Toorori*, para limpar a floresta.

Trabalhamos assim durante dias, até que, finalmente, a chuva começou a cair. Se não tivéssemos feito isso, todas as árvores teriam sido incendiadas, até

na terra dos brancos, porque aquele não era um fogo qualquer. Era um ser maléfico muito perigoso, um espírito fogo comedor de gente que chamamos *nikikiari waké*. Era o espírito do fogaréu *móruxi waké*, que saiu da terra, o mesmo que consumiu toda a floresta no primeiro tempo. Esse fogo vem de onde mora o sol e, no lugar em que vive, as águas estão sempre fervendo. Seu representante é o que os brancos chamam de vulcão. É tão poderoso que queima até a areia e as pedras. Em seus discursos, à noite, nossos mais velhos xamãs nos falaram várias vezes do incêndio que, no tempo de *Omana*, devastou as terras altas da floresta. Contaram-nos que, em certos lugares, as árvores jamais voltaram a crescer. As terras sem árvores nas nascentes dos rios, que chamamos *purusi*, são as marcas do caminho desse antigo incêndio. Não apareceram ali sozinhas, à toa!¹⁸ Noutros lugares, ao contrário, a floresta cresceu de novo, porque o ser da riqueza da terra, que chamamos *Hutire* ou *Në roperi*, trabalhou sem parar para replantá-la. É um trabalhador incansável. Repovoou o solo calcinado com todas as suas árvores e plantas da roça — mandioca, bananeiras e pupunheiras *rasa si* — para nossos ancestrais, seus filhos e netos poderem comer. Se ele não tivesse existido, teríamos ficado famintos para sempre e daríamos muita pena!

Antigamente, nossos maiores, quando se tornavam xamãs sob efeito das folhas de feitiçaria *hayaokoari hana*,¹⁹ eram capazes de chamar as imagens dos queixadas e, assim, de atrair essa caça para perto de suas casas. Um dos antigos xamãs de nossa casa, que eu chamava de cunhado, sabia fazer dançar esses espíritos queixada, mas já não vive. Quando morreu, vi sua casa de espíritos desabar e, na queda, rasgar os frágeis caminhos desses *xappiri*. Ele nos havia prevenido: "Assim que meu fantasma tiver partido para as costas do céu, vocês não verão mais queixadas na floresta. Ficarão se lamentando de fome de carne!". Mas ninguém pensou em dizer a ele, enquanto estava vivo: "Awei! Quero eu também saber como cuidar dos caminhos dos espíritos queixada para impedir que fujam!". Eu mesmo não disse nada. Na época, ainda era ignorante. Se eu tivesse feito isso, quem sabe essa caça não teria desaparecido de nossa floresta durante tanto tempo?²⁰ Mas na época ninguém teve a sabedoria de segurar os caminhos desses espíritos!

Só os antigos xamãs sabiam fazer os queixadas saírem da terra, chamando

sua imagem. Antigamente, essas folhas *hayakoari hana* eram muito usadas como planta de feitiçaria. Mas são folhas que pertencem aos espíritos do céu. Por isso quem era atingido por elas virava outro e logo via dançar a imagem do ser *Hayakoari*, que parece uma anta. Os doentes então começavam a gesticular e a gritar, e então disparavam para fora de suas casas. Mas não era na floresta que corriam tão exaltados. Sem que seus próximos pudessem vê-la, era sua imagem que fugia, montada no ser anta *Hayakoari*, que a levava para casa. Ficavam assim perdidos na floresta por muito tempo e lá viravam outros. Era então que começavam a realmente ver dançar as imagens dos ancestrais queixada. No final, acabavam deixando o caminho de *Hayakoari* e iam se acalmando aos poucos. Retornavam a suas casas, guiados pelos *xapiri* dos xamãs que tinham vindo socorrê-los. Sem isso, teriam morrido de fome e de cansaço, esquecidos sobre o espelho de *Hayakoari*.

Mais tarde, quando eles mesmos se tornaram xamãs experientes, eram capazes de abrir os caminhos dos ancestrais queixada *worëri* e fazer suas imagens descerem novamente até eles. Para chamá-las, mandavam primeiro os espíritos do pássaro *xotokoma*,²¹ que são seus genros. Esses emissários cortavam as árvores para abrir uma entrada na floresta para seus sogros. Nela penduravam magníficos adornos de miçanga para atraí-los. Depois faziam ressoar o chamado de suas flautas de bambu *t^horra*, para que os espíritos queixada viessem dançar junto do xamã que os enviara. Então, os queixadas também se aproximavam de nossas casas para serem caçados. Era assim que nossos maiores trabalhavam para saciar a fome de carne dos seus. Os caminhos dos espíritos queixada são, no entanto, muito frágeis. Assim que morre o pai deles, os caminhos arrebatam e voltam para abaixo da terra. Então, por mais esforço que os outros xamãs façam para trazê-los de volta, não conseguem. Os ancestrais queixada ficam no mundo subterrâneo, até que outro rapaz se torne xamã sob efeito das folhas *hayakoari hana* e reaprenda a chamá-los.

As antas, por sua vez, só aparecem na floresta ao alcance dos caçadores quando os xamãs fazem vir a imagem do seu ancestral, que chamamos de *Xamari*. Para isso, devem enviar primeiro seus espíritos jaguatirica e cão de caça para rastrear-lo e, em seguida, os espíritos dos pássaros *xoapema*, dos gaviões *herama* e dos pica-paus *éxëma*, para chamá-lo. Sem isso, *Xamari* continuaria

navegando em sua canoa por rios distantes e as antas não apareceriam na floresta. As antas gostam de passar muito tempo folgando na água, não é? Os espíritos de todos os pássaros de que falei são seus genros.²² Por isso ele atende ao chamado de suas flautas e aceita seu convite: “Sogro! Venha a nós! Temos fome de carne! Temos desejo de você!”. Assim, logo depois de terem feito amizade com seu sogro *Xamari*, eles amarram uma corda em sua canoa e o rebocam até a margem, com a ajuda do espírito da ariranha *kana*. O ancestral anta então desce de sua embarcação, e volta a entrar na floresta. Seus genros, solícitos, indicam a ele onde encontrar seu alimento preferido, as frutas das palmeiras *riokosi* e *ëri si*, e também as das árvores *apia ki*, *oruxi hi*, *makina hi*, *hapakara hi* e *pirima ahit^ho^ho*. É desse modo que os xamãs atraem as antas para a terra firme, para podermos caçá-las na floresta.

Mesmo assim, elas só podem ser achadas por caçadores muito especiais; os que em nossa língua chamamos *xama xio*.²³ São caçadores que têm neles as imagens do espírito anta e de seus genros, mesmo sem serem xamãs. Elas descem a eles e amarram suas redes em seus peitos, porque os pais deles já eram grandes rastreadores de antas. Não fosse a grande habilidade desses caçadores *xama xio*, nós jamais comeríamos carne dessa caça. É verdade. Quem vai caçar preocupado com outras coisas, sem muito empenho, nunca avista uma anta. Encontra apenas jabutis no chão da floresta! Ao contrário, um caçador apaixonado pela imagem do ancestral Anta, que realmente sente saudade dela,²⁴ logo depara com um desses animais, longe na floresta ou perto de casa.

Era assim que nossos xamãs antigos traziam para nossa floresta os queixadas e as antas, e também os macacos-aranha, os papagaios, os mutuns e os veados. Bebiam *yákoana* e faziam dançar as imagens dos ancestrais animais *yarori*. E quando faziam descer a si os espíritos arara, logo víamos esses pássaros surgindo perto de nossa casa. Era assim mesmo. Os animais só ficam felizes quando ouvem os cantos dos *xapiri*, e estes não gostam que seus pais fiquem preguiçando na rede, sem beber *yákoana*. Assim é. A caça só fica fácil de matar se os xamãs fizerem descer as imagens de seus ancestrais. Nossos maiores tinham muito conhecimento e sabiam fazer bem esse trabalho. Não ficavam cantando à toa, como costumam pensar os brancos, pois se os xamãs não trabalharem sem descanso, os animais de caça ficam irritados e muito ariscos. Se é assim, as presas não param de se queixar dos caçadores: “*Mal!* São outras gentes. Tratam-nos sem nenhum respeito. Despejam de uma maneira suja o

caldo de nosso cozimento para fora de suas casas! Atiram sem consideração nossas ossadas e peles na floresta! É de dar dó! Vamos ficar longe deles!". Os animais também são humanos. Por isso se afastam de nós quando são maltratados. No tempo do sonho, às vezes ouço suas palavras de desgosto quando querem se negar aos caçadores. Quando se tem mesmo fome de carne, é preciso flechar a presa com cuidado, para que morra na hora. Assim, ela ficará satisfeita por ter sido morta com retidão. Caso contrário, fugirá para bem longe, ferida e furiosa com os humanos.

Quando as árvores da floresta não carregam frutos, os japins *kori* e *nappor* e as gralhas *piomari namo* não se reúnem nelas. Nenhuma outra ave tampouco se aproxima. Assim é. Os papagaios, tucanos, araras, mutuns, jacamins, cujubins e perdizes *pokara* costumam vir comer nas árvores logo depois dos japins e das gralhas. Alimentam-se dos restos destes, das frutas que seus bandos barulhentos bicam no topo das árvores ou fazem cair no chão. Por isso os xamãs fazem dançar os espíritos japim e gralha, para que as outras caças aladas voltem a ficar abundantes na floresta. As imagens dessas aves fazem amadurecer os frutos das árvores para alimentar todos os outros espíritos pássaros que as seguem de perto. Quem nunca bebeu *yákaana* não se dá conta disso. Apenas ouve o canto dos xamãs durante a noite, sem entender o que estão fazendo. Porém, se não há comida nas árvores e a floresta tem valor de fome, eles enviam seus *xapiri* japim e gralha para bem longe, em direção ao poente, para de lá trazerem a imagem de seus frutos. Quando retornam, os demais espíritos pássaros exclamam, alegres e ansiosos: "Awei! Finalmente vamos comer! Vamos pedir a eles nossa parte da comida que trazem! Parece gostosa! Estamos famintos e sofridos!". Depois, todos se precipitam sobre a tão desejada comida, num enorme bando, eufórico e voraz. Só assim a caça alada começa a reaparecer na floresta! Volta para bem longe de nós, no começo, e depois vai pouco a pouco se aproximando de nossas casas. Então, os caçadores, animados, espalham a notícia: "A caça está comendo perto de tal rio, e lá perto daquele grupo de árvores, e também naquele outro lugar!".

Era esse, antigamente, o trabalho de nossos grandes xamãs para atrair a caça para a nossa floresta. Hoje, perdemos esse conhecimento e muitos de nossos pais já o tinham esquecido antes de nós. Só os nossos verdadeiros maio-

res tinham capacidade para isso. Conseguiam juntar uma multidão de papagaios e araras nas palmeiras *hoko si* e *ôkarasi si*, onde brincavam, pouco desconfiados; e ficavam ali parados, ao alcance dos caçadores, mordiscando as folhas novas. É verdade! Meus avós, quando viviam, há muito tempo, na nascente do rio Toototobi, tinham mesmo esse poder. Às vezes faziam uso dele, para as pessoas de sua casa poderem se fartar da carne dessas aves e se enfeitar com suas penas. Sua preocupação era manter sua gente feliz. E quando os seus ficavam com muita fome de carne, chegavam até a trazer caça da floresta dos fantasma, que fica nas costas do céu! Mandavam então seus *xapiri* espantarem as presas lá em cima, para fazê-las cair na terra. Os xamãs sabem: a floresta dos fantasmas é coberta de árvores sempre carregadas de frutos e os queixadas, os macacos-aranha, os mutuns e os cujubins são nela muito mais numerosos do que aqui embaixo!



As árvores da floresta e as plantas de nossas roças também não crescem sozinhas, como pensam os brancos. Nossa floresta é vasta e bela. Mas não o é à toa. É seu valor de fertilidade que a faz assim. É o que chamamos *ñë rope*.²⁵ Nada cresceria sem isso. O *ñë rope* vai e vem, como um visitante, fazendo crescer a vegetação por onde passa. Quando bebemos *yákaana*, vemos sua imagem que impregna a floresta e a faz úmida e fresca. As folhas de suas árvores aparecem verdes e brilhantes e seus galhos ficam carregados de frutos. Vê-se também grande quantidade de pupunheiras *rasa si*, cobertas de pesados cachos de frutos, pendurados na parte de baixo de seus troncos espinhosos, e imensas plantações de bananeiras e pés de cana-de-açúcar. Esse valor de fertilidade da terra está ativo por toda parte. É ele que faz acontecer a riqueza da floresta e que, desse modo, alimenta os humanos e a caça. É ele que faz sair da terra todas as plantas e frutos que comemos.²⁶ Seu nome é o de tudo o que prospera, tanto nas roças como na floresta.²⁷

No primeiro tempo, *Omanma* colocou esse valor de fertilidade dentro de nossa terra e sua imagem foi se espalhando por toda a sua extensão, antes de

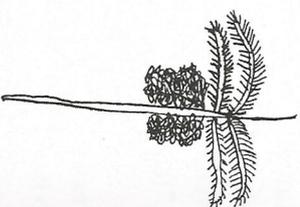
chegar à terra dos brancos. Seu verdadeiro centro se encontra onde moramos, onde *Omanna* veio a ser. É verdade. Na floresta, habitamos no lugar onde vive o pai da fertilidade *ñë rope*, o lugar de sua origem. É por isso que a imagem dele, que chamamos *Në roperi*, dança com os espíritos dos ancestrais animais que os xamãs fazem descer. Assim, quando a floresta tem valor de fome, eles podem beber *yákoana* para trazer de volta a imagem de seu valor de fertilidade. Em nossa casa de *Watoriki*, porém, não precisamos fazer esse trabalho. Nossa terra é bela e impregnada de riqueza.²⁸ O ser maléfico da fome, que chamamos de *Ohinari*, permanece longe dela e a imagem da fertilidade dança junto a nós desde que viemos morar aqui. Faz crescer as frutas das árvores e as plantas das roças com muita generosidade, após cada período de chuva. Tudo cresce com fartura, e a caça se alimenta de abundância, nas árvores, no chão e na água.

Në roperi, a imagem da riqueza da floresta, se parece com um ser humano, mas é invisível à gente comum. Só deixa aparecer para seus olhos de fantasma o alimento que faz crescer, e apenas os xamãs podem realmente contemplar sua dança de apresentação. Na frente dela vem um bando barulhento de espíritos japim e gralha, acompanhado por uma multidão de espíritos arara, papagaio, tucano e mutum. Esses *xapiri* que carregam consigo os demais pássaros são os companheiros da imagem da fertilidade, são seus ajudantes. Ela nunca dança sem eles. Os xamãs os fazem descer quando as pessoas de sua casa têm fome, pois onde seus chamados não são ouvidos não cresce alimento algum. Foram esses ancestrais animais que, no primeiro tempo, descobriram e espalharam por toda parte a fertilidade da terra. É por isso que os pássaros de hoje, que são seus fantasmas, continuam comendo os frutos da floresta. São representantes dela. É o que dizem os nossos mais velhos xamãs. Porém, são também riqueza da floresta as imagens das abelhas *yamanama*, que fazem desbrochar as flores das árvores e espalham o açúcar por seus frutos, assim como pelos do mamoeiro e da cana-de-açúcar. São ainda as imagens das mulheres bananeiras e das árvores *aro kohi* e *wari mahi*, de folhagem tão densa.²⁹ Nas terras altas, são as imagens dos gaviões *wiwiwima nanno* que torram abundantemente as lagartas *kaxa*, as frutas das árvores *momo hi* e das palmeiras *xoo mosi*, bem como as flores comestíveis das árvores *näi hi*.

Assim que o chamado estridente dos espíritos japim e gralha ecoa de todos os lados, começa também a se fazer ouvir o canto grave de *Në roperi*, o espírito da fertilidade. Ele chega dançando alegremente, trazendo nas costas todos os

alimentos da floresta. Parece um ser humano, mas é outro. É muito mais lindo. Seus olhos são bonitos e seus cabelos são como uma cascata de flores amarelas e brancas. Seu corpo é recoberto de penugem luminosa e ele tem em torno desta uma faixa de rabo de macaco cuxiú de um preto intenso. Evolui devagar, seguido por um cortejo de imagens de árvores, cipós e folhas. Vem envolto numa nuvem ruidosa de espíritos de pássaros multicoloridos: *sei si*, *hutureama nakasi*, japins *ayokora* e arçarais. Acompanha-o uma multidão de ancestrais animais *yarori* e de espíritos da floresta *urihinari*, agitando palmas novas desfiadas, num inebriante perfume de flores. Dança no meio deles agitando os frutos da floresta que traz consigo, eles também cobertos de penugem de um branco resplandecente. Eu já vi dançar essa imagem da riqueza da floresta no tempo do sonho, depois de ter bebido o pó de *yákoana* durante o dia todo. É mesmo esplêndida! Cheguei até a sentir na minha boca o sabor macio e doce de suas frutas maduras!

Assim é. Uma vez terminada sua dança de apresentação, o espírito *Në roperi* alimenta o xamã que o chamou e vem instalar seu espelho na casa de espíritos dele, numa habitação à parte, como os demais *xapiri*. A partir desse momento, o xamã saberá trazer de volta a fertilidade da floresta para junto dos seus. Sem ninguém saber, ele fará crescer todas as plantas e curará sua esterilidade. Assim que faz dançar *Në roperi*, as flores começam a desbrochar nas árvores. Em seguida, os galhos ficam férteis e carregados de frutas. Se o espírito da fertilidade não descesse com seus espíritos japim e gralha, nossa floresta permaneceria com valor de fome e a caça não andaria nela. São as imagens desses pássaros que fazem crescer os alimentos, os dos animais e os nossos. Depois, é *Omanari*, o ser do tempo seco, com o calor que deposita no solo, que ajuda a amadurecer as frutas da floresta, pois ele também as come.



Nossos maiores bebiam o pó de *yákoana* e exortavam seus espíritos dizendo: "Nossas mulheres e crianças estão esfomeadas! Façam crescer novamente os alimentos da floresta!". Então os enviavam em busca da imagem da fertilidade *nē rope*, muito longe, onde vive o dono dela, o ser *Huture*, e eles a traziam de volta. Ai, nas pegadas de retorno dos *xapiri*, as plantas cresciam nas roças e as árvores floresciam. A imagem da fertilidade chegava à nossa floresta e depois prosseguia para além dela. Hoje, não temos tanto conhecimento quanto nossos antigos xamãs, mas apesar disso tentamos seguir o caminho deles. Antes de morrerem, não nos ensinaram a trazer de volta a fertilidade da floresta. Mesmo assim aprendemos a virar espíritos por nossa vez, e também chegamos a conhecer sua imagem, fazendo-a dançar no tempo do sonho. Assim é. Quando a riqueza da floresta se afasta de nossas casas, não retorna por conta própria. Os xamãs têm de se esforçar muito para trazer de volta sua imagem, pois sem ela os frutos das árvores e as plantas das roças param de crescer. Depois disso, precisam continuar trabalhando muito para retê-la, pois ela pode fugir a qualquer momento e nunca mais voltar.

Quando isso acontece, é porque *Ohinari*, o ser da fome, instalou-se na floresta no lugar dela. Vindo de muito longe, de onde os brancos não têm nada mais o que comer, ele fica de tocaia para nos maltratar. Por mais que plantemos e trabalhemos duro, nada cresce em nossas roças, nem bananeira, nem mandioca, nem cana-de-açúcar! Todas as plantas cultivadas definham e, na floresta, os galhos das árvores continuam vazios. A caça vai rareando. Então, dizemos: "*Uthi a nē oh!* A floresta tem valor de fome!". *Ohinari* é o que os brancos chamam de pobreza. É um ser maléfico que mata aos poucos. Quando decide se instalar na floresta, pode permanecer muito tempo no mesmo lugar. Ai as pessoas logo ficam sem nada para comer. Dia após dia, ele sopra seu pó de *yákoana* nas narinas delas, fazendo-as virar outras. Então, elas ficam cada vez mais fracas. Seus membros não têm mais energia e elas sentem fortes tonturas. Seus ouvidos entopem, sua voz seca e seus olhos vazios causam dó. Definham aos poucos, e acabam desmaiando. Depois morrem, só pele e osso.

Para evitarem que isso aconteça, os xamãs devem beber mais e mais *yákoana*, para enviar seus *xapiri* em busca da imagem da fertilidade em florestas distantes, ou até mesmo nas costas do céu. É verdade. Como eu disse, existe um valor de fertilidade *nē rope* acima de nós. É o dos fantasmas e dos seres trovão, que também se alimentam de plantas de suas roças e de frutas de sua

floresta, cheia de árvores *orixi hi*, *mōra mahi*, *yawara hi* e muitas outras. Sua fertilidade é muito grande mesmo, e os espíritos *japim* e *gralha* são capazes de trazê-la para nós. Mas os fantasmas podem, também, por conta própria, resolver fazer cair um pouco dessa riqueza entre os humanos. Isso às vezes acontece, durante suas festas, quando, depois de saciados, entoam seus cantos *heri* e ouvem as mulheres dos vivos se queixar de fome, pedindo a eles um pouco de seus restos. Nos lugares em que eles se mostram generosos, os frutos das árvores da floresta e das pupunheiras *rasa si* ficam muito abundantes mesmo, e os humanos, felizes, podem fartar-se deles à vontade.

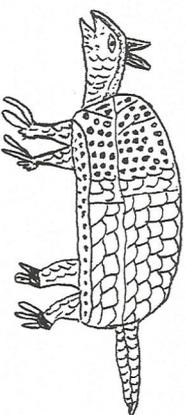
No primeiro tempo, foi *Koyori*, o ancestral Saúva, que, quando a floresta ainda estava se transformando, descobriu nela o valor de fertilidade das roças e o transmitiu a nós.³⁰ Mas não é ele quem faz crescer as árvores. É *Omanna*. *Koyori* trabalhava sozinho na floresta durante o dia todo, tanto que suas longas ausências intrigavam seus próximos. Ele os despijava, afirmando que andava derrubando árvores à cata de mel selvagem. Mas estava mentindo! Na verdade, sem que ninguém soubesse, ele passava o tempo todo abrindo uma roça, cada vez mais imensa. Naquele tempo ainda não existia, porém, nenhuma planta cultivada. Para fazer com que surgissem da terra, Saúva apenas batia com o pé no chão repetindo: "Que se espalhem as raízes destas plantas! O milho vai sair aqui! As bananeiras aqui!". Então, os pés de milho e as bananeiras logo começaram a crescer diante dos olhos. A sogra de Saúva se chamava *Poomari*. Tinha um gênio difícil e reclamava do genro sem parar. Ficava enfurecida com o fato de ele passar tanto tempo na floresta em vez de lhe trazer comida. Certo dia, exasperada, insultou-o, fazendo piadas a respeito de seu traseiro arqueado. Ele então resolveu se vingar. Mandou-a ir buscar milho cada vez mais longe em sua roça, para que acabasse se perdendo em suas vastas plantações. Foi o que aconteceu. Desamparada, transformou-se em pássaro *poopoma*. Até hoje seu canto pode ser ouvido nas roças: "*Poooi! Poooi! Poooi!*". Quanto ao genro, metamorfoseou-se em saúva *koyo*.

Desde então, os xamãs sabem fazer descer as imagens de *Koyori* e de sua sogra *Poomari*. Ouvi seus cantos quando o pai de minha esposa as fazia dançar e as vi muitas vezes quando sonhava, depois de ter bebido *yákoana*. Essas imagens também possuem o valor de fertilidade da terra. Foi desse modo que ela

apareceu. No tempo em que *Koyori* veio a ser, ainda não existiam roças. As pessoas só comiam frutos da floresta. Foi ele que pediu as plantas cultivadas ao ser da fertilidade *Né roperi*. Foi ele o primeiro a fazer crescer milho, bananeiras, mandioca, taioba e cará. Ele nos ensinou esse trabalho. De modo que se um homem tem em si a imagem de *Koyori*, mesmo não sendo xamã, ela vai ajudá-lo a trabalhar em sua roça sem descansar, com saúde ou doente. Jamais será visto cochilando na rede. Ela lhe dará vontade de abrir cada vez mais parcelas, para plantar todos os tipos de alimento. Assim é. Para o trabalho de roça, imitamos também a imagem do lagarto gigante *wāsikara*, que nos torna capazes de trabalhar debaixo de sol, sem esmorecer. Essas imagens passam de pai para filho, pelo esperma, pelo sangue que vem do esperma.³¹ Elas não podem ser vistas. Ficam fundo dentro da gente, no nosso pensamento, dentro de nosso fantasma, no interior de nossa própria imagem.³²

Nas roças, são os espíritos da jiriti *horeto* que cuidam das bananeiras. Plantam-nas com os humanos, e acompanham seu crescimento, pois também são mulheres espíritos de fertilidade *né ropeyoma*. Entretanto, são os espíritos morcego e macaco-aranha que brincam e copulam com os brotos de banana quando ainda são moças.³³ Recundam-nas com seu valor de fertilidade e elas então começam a ficar carregadas de cachos volumosos.³⁴ É verdade. As bananas não nascem sozinhas à toa! As bananeiras são mulheres-plantas. Seus frutos nascem porque elas ficam grávidas e parem. É assim com tudo o que cresce nas roças e na floresta. As mulheres-plantas primeiro ficam grávidas. A gravidez dura algum tempo, e depois elas dão à luz. É então que seus frutos aparecem. Eles nascem como os humanos e os animais. É por isso que os moradores de uma casa costumam recorrer aos xamãs quando suas bananeiras custam a crescer ou quando precisam dispor logo de uma grande quantidade de bananas para dar uma festa *realhu* e suas roças ainda são novas. Pedem a eles que façam dançar seus espíritos morcego e macaco-aranha, para que engravidem as mulheres-bananeiras e seus frutos se desenvolvam depressa. Então, esses *xapiri* colocam seus filhos e o sabor do açúcar nos brotos novos das bananeiras,³⁵ como os humanos com seu esperma nas suas mulheres. É desse modo que procedem; muitas vezes os vi copular no tempo do meu sonho.

Por sua vez, os espíritos do tatu-canastra *waka* são os donos dos tubérculos de mandioca e de sua fertilidade.³⁶ Plantam-nos junto com os humanos e são eles que os fazem crescer. Assim, o homem que possui dentro dele a imagem desse animal com certeza terá uma bela plantação de mandioca. Essa imagem irá ajudá-lo quando trabalhar na roça e seus braços estarão impregnados de valor de fertilidade. Os tubérculos de seus pés de mandioca ficarão longos e firmes. Assim é. Se pedirmos a eles, os xamãs podem também chamar e fazer dançar o espírito tatu-canastra e seu valor de fertilidade, para engrossar os tubérculos de uma plantação de mandioca que não está produzindo bem. No caso das pupunheiras *rasa si*, os xamãs também podem fazer descer o espírito do pássaro *marokoaxirioma*,³⁷ que fecunda a imagem das mulheres-palmeiras *raxayoma* passando em volta de seus pescoços o ovo de seus frutos. Estes então se põem a crescer em profusão e, para que seus cachos pesados não caiam antes da hora, o espírito japim *napore* deve dar tipoias às mães, que os levam nelas como recém-nascidos.³⁸ Finalmente, são os espíritos arara que se encarregam de fazer com que amadureçam.



É o espírito do turiri *yōriama*, por sua vez, que faz crescer as taiobas *aria si*. Os xamãs também podem chamar sua imagem e fazer dançar seu valor de fertilidade para aumentar seus tubérculos. Por outro lado, é simplesmente a terra da floresta que faz crescer os carás; a terra à qual o ancestral saúva *Koyori* deu fertilidade no primeiro tempo.³⁹ É também a imagem dele que faz crescer os pés de milho, como ele fez outrora, batendo o pé no chão. Nossos maiores, há muito tempo, costumavam dar suas festas *realhu* oferecendo milho a seus convidados.⁴⁰ Hoje, porém, já não o cultivamos muito. O ancestral saúva *Koyori* é o verdadeiro dono da fertilidade do solo da floresta. A cana e a batata-doce também crescem graças a ele. Não precisamos ficar regando a terra, como os brancos, para que haja muito alimento em nossas roças! O valor de fertilidade da floresta basta. Sem ele, as plantas ficariam feias e mitradas.

Quando o que plantamos em nossas roças não cresce mesmo, chegamos a pensar, às vezes, que xamãs inimigos podem ter desviado o valor de fertilidade da floresta para longe de nós. Mas também pode acontecer de algum xamã de uma casa amiga levá-lo embora sem querer. Assim, numa festa *reahu*, algum convidado empanturrado pode roubar em sonho a imagem da fertilidade da floresta de seus anfitriões. Tornado fantasma sob o efeito da enormidade de mingau de banana que estes o fizeram beber,⁴¹ pode levar para sua própria casa os espíritos morcego que fizeram crescer aquelas frutas, para que passem a dançar na sua roça. Assim é. Quem bebe muito mingau de banana ou de pupunha numa festa vira outro e, à noite, as imagens da fertilidade dessas frutas vêm visitá-lo. Ocorreu comigo, certa vez, numa festa *reahu* na casa dos *Xamatari* do rio *Kapirota u*. Tinha tomado tanto mingau de pupunha que trouxe de lá a imagem do pássaro *marokoaxirioma* que as tinha feito crescer! Apareceu de repente enquanto eu dormia, e me seguiu no caminho de volta, para fazer crescer minhas próprias plantações, em *Watoriki*. Meus anfitriões perceberam, mas não guardaram rancor. Disseram-me apenas: “Pode ficar com a fertilidade dessas frutas! Faremos vir outra às nossas roças!”. Porém, mesmo quando a riqueza de nossas plantações é assim levada por um xamã visitante, isso não dura muito. Continua havendo muita fertilidade *ni rope* na floresta, e se nossas roças ficam com valor de fome, basta bebermos *yákaana* para trazê-la de volta para junto de nossa casa. Por fim, se for preciso, é também possível emprestar a fertilidade da floresta de uma casa amiga. Nesse caso, dizemos aos seus moradores: “Os meus estão passando fome, porque minhas plantações não estão crescendo bem. Gostaria de conseguir o valor de fertilidade que vocês têm! Mas não sei como fazer!”. Então, os xamãs daquela casa, para mostrar sua generosidade, farão dançar sua imagem para dá-la a nós.

Os animais são como os humanos. Nós ficamos satisfeitos quando nossas roças se enchem de cachos de bananas e de pupunhas; eles ficam felizes quando há muitos frutos nas árvores da floresta.⁴² Estes são o alimento deles assim como aqueles são os nossos, pois os animais que caçamos são os fantasmas de nossos ancestrais transformados em caça no primeiro tempo. Uma parte desses ante-

passados foi arremessada no mundo subterrâneo quando o céu desabou. Outra ficou na floresta, na qual nós também viemos a ser criados, e virou caça. Damos a eles o nome de caça, mas o fato é que somos todos humanos. Assim é. Quando a riqueza da floresta vai embora, os animais ficam esqueléticos e vão rareando, pois é ela que costuma fazer a caça prosperar. Com ela, os animais engrandecem e se multiplicam porque comem seus frutos maduros e doces.⁴³ Para viver, suas imagens devem se alimentar da imagem do valor de fertilidade da floresta. Por isso os xamãs também fazem descer a imagem da gordura da caça, junto com a da fertilidade da terra. Essa gordura das antas, dos queixadas e dos macacos-aranha vem de para além da terra dos ancestrais dos brancos. É ela que engorda também o gado deles e faz alguns ficarem tão enormes! Nós a chamamos *yarori pé wite*, a gordura dos espíritos animais.

Para trazê-la até sua floresta, os xamãs têm de despachar para longe os *xapiri* dos pássaros *napore* e *hutumna*.⁴⁴ Ela vem de um ser muito antigo que, aos olhos dos xamãs, parece um macaco-aranha gigante. Este ser fica escondido a montante do céu, onde nasce o sol. É muito barrigudo, porque guarda em si toda a gordura da caça, que só cede aos poucos, com avareza.⁴⁵ De modo que, quando ele demora a distribuí-la, os animais podem continuar magros e fracos demais para serem caçados. Porém, quando sua imagem resolve dançar na floresta, todos eles começam a engordar novamente: macacos, veados, antas, queixadas, mutuns, cujubins, araras e papagaios, e também jabutis e peixes. Assim, quando dormimos em estado de fantasma, saciados de caça gorda, somos nós que engrandecemos por efeito da imagem dessa gordura! Bebendo *yákaana*, só uma vez vi esse ser macaco-aranha gigante. Quando ele quer fazer engordar a caça que lhe pertence, apenas sua imagem anda pela floresta. Pelo caminho, ele vai repartindo a gordura por todos os animais, por conta própria. Somente os mais antigos xamãs são capazes de chamá-lo para engordar a caça. Eu ainda não sei fazer isso, e não quero fingir. Tentarei quando tiver certeza de conhecê-lo de verdade. Não quero ser como esses xamãs que querem enganar quem os ouve, e ficam se gabando de fazer descer *xapiri* que mal viram e de quem não sabem quase nada!

Os *xapiri* se movimentam e trabalham na floresta, nas costas do céu e na terra, em todas as direções, inumeráveis e potentes, para nos proteger. Atacam

sem tréguia os seres maléficis e as epidemias que querem nos devorar. Limpam o útero das mulheres esterilizadas por substâncias de feitiçaria *xapo kiki*, e copulam com elas para que voltem a ter filhos de seus maridos.⁴⁶ Eles reforçam a floresta quando ela vira outra e quer se transformar de novo. Sem eles, as plantas das roças não cresceriam, as árvores não dariam frutos e a caça ficaria magra. A floresta só teria valor de fome. Eles seguram o céu quando ameaça desabar, contêm a ira dos trovões, afastam as filhas do ser da chuva e prendem os ventos de tempestade; advertem o ser do tempo encoberto e atrasam o do anoitecer. Afastam o espírito da noite e chamam o orvalho, para que a aurora desponte mais depressa. Eles contêm o ser do caos *Xiwáripo*, que quer emaranhar a floresta quando cheira o sangue menstrual das moças que saíram cedo demais da reclusão. Mandam de volta para as costas do céu as cobras e os escorpiões que de lá caíram. Mantêm fechado o espelho dos espíritos onça, para impedi-los de sair da terra, do lugar em que nossos ancestrais encontraram o ovo que lhes deu origem. É verdade, as onças nasceram de um ovo! No primeiro tempo, foi encontrado boiando na água, por velhas que tinham ido coletar caranguejos e camarões num igarapé. Curiosas, aproximaram-se dele e ouviram que emitia um rugido surdo. Carregaram-no num cesto até sua casa, onde nossos ancestrais, perplexos, por fim o cozinharam e comeram. Porém, sem pensar, jogaram os pedaços da sua casca na floresta, que se transformaram e se espalharam por toda a floresta como onças!

Assim é. Os *xapiri* nos protegem contra todas as coisas ruins: a escuridão, a fome e a doença. Afastam-nas e combatem-nas sem descanso. Se não fizessem esse trabalho, nós daríamos dó! O vendaval, os raios e a chuva não nos deixariam um momento de tréguia; a cheia dos rios inundaria a floresta continuamente. Ela ficaria infestada de cobras, escorpiões e onças, invadida pelos seres maléficis das epidemias. A noite envolveria tudo. Teríamos de ficar escondidos em nossas casas, esfomeados e apavorados. Começaríamos, então, a virar outros, e o céu acabaria caindo novamente. Por isso nossos ancestrais começaram a fazer dançar os *xapiri* no primeiro tempo. Sua preocupação, desde sempre, foi proteger os seus, como *Omanna* havia ensinado ao seu filho. Nós apenas seguimos suas pegadas. Os xamãs yanomami não trabalham por dinheiro, como os médicos dos brancos. Trabalham unicamente para o céu ficar no lugar, para podermos caçar, plantar nossas roças e viver com saúde. Nossos maiores não conheciam o dinheiro. *Omanna* não lhes deu nenhuma palavra desse tipo.

O dinheiro não nos protege, não enche o estômago, não faz nossa alegria. Para os brancos, é diferente. Eles não sabem sonhar com os espíritos como nós. Preferem não saber que o trabalho dos xamãs é proteger a terra, tanto para nós e nossos filhos como para eles e os seus.



38. *Herona* é um ser maléfico descrito como uma preguiça gigante que queima com sua urina (comparada ao curare e à gasolina) as casas em que se assa carne de caça à noite.

39. As convulsões e o coma maláricos são frequentemente interpretados pelos Yanomami como ataques de espíritos xamânicos inimigos. Considera-se que a planta de feitiçaria *waka moxi* é capaz de provocar fortes convulsões e de fazer o doente cair na sua própria fogueira.

40. Todo homem que matou ("comeu") um inimigo numa incursão guerreira ou por meios invisíveis (feitiçaria, xamanismo agressivo, caça do duplo animal) entra num estado ritual (*ônokae*) durante o qual se considera que está digerindo as carnes sangrentas de sua vítima. Sujeta-se, por esse motivo, a uma reclusão ritual (*ônokaemini*) e a uma série de proibições (comportamentos, movimentos, alimentação). "Estar com a testa gordurosa" (*huko wite*) refere-se, nesse contexto, à transpiração da gordura do cadáver submetido ao processo de digestão ritual. A respeito dos rituais guerreiros yanomami, ver Albert, 1985.

41. No primeiro tempo, os mortos voltavam para a terra e retomavam imediatamente seu lugar entre os vivos, até que foram expulsos e o caminho entre o céu e a terra foi cortado (ver M 35).

42. Os *xapiri* falam aqui em nome dos humanos que protegem.

8. O CÉU E A FLORESTA [pp. 193-217]

1. O episódio data de 1974. Davi Kopenhawa tinha dezoito anos.

2. A "terra-floresta dos humanos" (*yanomae t'ê pé urithipê*), o território yanomami, ocupa o centro (*mitano*) do nível terrestre (*wáro patarima mosi*), representado como uma chapa para assar beijus de mandioca (*mahe*); centro no qual o demônio *Omanna* fez jorrar os rios e criou as montanhas (M 202, 210, 211).

3. Acerca da queda do céu e da morte dos xamãs, ver capítulo 24.

4. Os primeiros fragmentos metálicos a circular pelas redes de trocas interétnicas em território yanomami, antes de qualquer contato direto com os brancos, eram atribuídos a *Omanna*. Ver cap. 9.

5. As terras altas (*horepê a*) do interflúvio Orinoco-Amazonas (rio Branco/rio Negro) constituem o centro histórico e o centro demográfico do território yanomami. Seu relevo acidentado é atribuído à queda do céu sobre o cacauero mítico. Para outra versão do mito da queda do céu, ver M 7.

6. Alusão ao mito de origem dos outros ameríndios e depois dos brancos (M 33), bem como ao grande incêndio na floresta relatado pela tradição oral yanomami (ver mais adiante neste capítulo).

7. Tais manifestações meteorológicas são consideradas o indicio sonoro, o "chamado anunciador" (*heá*), da morte de um grande xamã.

8. Acerca do risco de uma nova queda do céu quando morre um grande xamã, ver M 13.

9. É muito difícil pescar durante a cheia dos rios, quando os peixes buscam alimento na floresta inundada.

10. Os homens yanomami têm o pênis preso pelo prepúcio a um cordão de algodão amarrado em volta da cintura.

11. O "representante" (correspondente visível) do espírito *T'orimari* é *h'oru waké*, termo que designa, segundo Davi Kopenhawa, "uma grande estrela que caiu do céu" (começa ou meto-rito?).

12. As relações entre cunhados potenciais são declaradamente jocosas: jovialidade ostentatória, contato físico, brincadeiras de caráter sexual.

13. Apesar de invocarem *Yari*, "o" trovão, os Yanomami consideram que há uma multidão deles nas "costas do céu". Para outra versão desse mito de origem dos trovões, ver M 4.

14. *Yariporari* significa, literalmente, "cachoira de vento".

15. O espírito *Toorori* tem como "representante" no mundo visível o sapo *tooro*, cujo canto se ouve na estação chuvosa.

16. Alusão à grande seca e aos incêndios provocados por El Niño durante o verão de 1998 (dezembro a março).

17. Radiofonia do posto local da Funai.

18. Essa tradição oral confirma a importância dos fatores climáticos (e não apenas antropicos) na origem das savanas das terras altas do território yanomami na Venezuela (ver Alés, 2003).

19. A essa planta de feitiçaria são atribuídos estados de perda de consciência e de intensa agitação, durante os quais a vítima fica correndo freneticamente pela floresta.

20. Os queixadas desapareceram do território yanomami após sua invasão por garimpeiros, no final dos anos 1980. Ver cap. 15.

21. Os pássaros *xotokoma* são considerados "genros dos queixadas" e seu canto é tido como "chamado anunciador" (*heá*) destes últimos na floresta.

22. O canto desses pássaros é considerado "chamado anunciador" (*heá*) das antas. O gavião *herama* se alimenta de carrapatos no lombo desse animal.

23. Literalmente, "cu (seguidor) de anta". Ver também o cap. 3 a respeito da vocação dos caçadores de anta. Uma outra expressão, nesse caso pejorativa, é construída do mesmo modo: *napê xio*, "cu (seguidor) de branco", designa os Yanomami excessivamente interessados nos brancos e em suas mercadorias.

24. O vocabulário relativo à caça às antas remete à psicologia amorosa: *pini kuo* ("estar apaixonado"), *pini wariprao* ("ter saudade").

25. A expressão *nê rope* significa literalmente "valor de" (*nê*) "rapidez" (*rope*). É também utilizada no feminino, *nê ropeyoma*. Esse "valor de fertilidade da floresta" (*urithi a nê rope*) se opõe ao "valor de fome" da floresta privada de frutos e de caça (*urithi a nê ohri*). A expressão *nê rope* tem como sinônimo *nê wamotimapé*, "valor de alimentos". É o "valor de fertilidade" da floresta enquanto agente (*nê ropepi*) que faz as plantas crescerem nela. Tanto o "valor de fertilidade" como o "valor de fome" da floresta podem ser convocados na forma de seres-imagens xamânicos (*xapiri*), tornando-se, respectivamente, *Nê ropepi*, "imagem-espírito da fertilidade" e *Ohinari* (ou *Ohiri*), "imagem-espírito da fome". *Nê rope* é um estado/princípio de fertilidade compartilhado por plantas selvagens e cultivadas. *Urithi a*, "floresta", significa também "terra, território".

26. São mencionados aqui os frutos das árvores *oruxi hi*, *xaraka ahi*, *wapo kahi*, *krepu uhi*, *pooko hi*, *apia hi*, *ôma ahi*, *horomona hi*, *hoko mahi*, *poroa unahi*, *himnara amohi* e *hawana hi*, e das palmeiras *ôkorasi si*, *rio kosi*, *hoko si* e *mai masi*.

27. São aqui opostos *hutihani t'ê pë a nê rope*, "valor de fertilidade das coisas da roça", e *urthi a nê rope*, "valor de fertilidade da floresta".

28. Acerca das riquezas na região de *Watoriki*, ver Albert & Le Tournéau, 2007.

29. Essas duas grandes árvores da floresta (a primeira atinge quarenta metros, a segunda, mais de cinquenta) têm folhas compostas: o jatobá (*aro kohi*), de folíolo duplo, e a sumatúma (*wari mahi*), de oito folíolos.

30. Trata-se aqui do ancestral mitológico (o "pai") da sávia ou formiga-cortadeira *koyo*, grande devastadora de roças de mandioca. Na mitologia yanomami, *Koyori* é associado à fertilidade da terra e à riqueza das roças. É um incansável abridor de roças, dono de imensas plantações de milho (M 86). Note-se que, nas roças, o milho é a única planta que essas formigas não atacam (Gourou, 1982, p. 83). A origem das plantas cultivadas é tematizada por dois mitos: o de *Koyori* (M 86), situado no tempo dos primeiros ancestrais animais (*yarori*), e o de *T'êp'ê'v'it'i*, o ser aquático sogro de *Omanna* (M 198), no tempo das origens da humanidade atual. Essa aproximação entre *Koyori* (origem das roças) e *Omanna* (origem da floresta) efetua, portanto, um cruzamento entre dois ciclos míticos.

31. Segundo a teoria yanomami da concepção, o esperma acumulado ao longo de sucessivas relações sexuais forma progressivamente o feto, transformando-se em fluido sanguíneo e depois em massa carnosas.

32. Os Yanomami associam as qualidades pessoais socialmente valorizadas (generosidade, coragem, oratória, habilidade na caça, empenho no trabalho agrícola etc.) à incorporação e à transmissão (de pai para filho) das imagens (*utupë*) de determinados ancestrais animais (*yarori*) considerados seus arquétipos (ver Albert, 1985, pp. 157-63). Não devem ser confundidas com os espíritos auxiliares *xapiri* que se instalam na casa de espíritos de cada xanã.

33. Os brotos de bananeira são chamados *moko si*, "plantas-moças".

34. As expressões utilizadas, *hewéti/paxori a nê ropert'ê* ("o valor de fertilidade do espírito morcego/macaco-aranha"), dão a entender que *nê rope/nê ropert'ê* remetem, aqui, a um princípio genérico que engloba a ação fecundante de um conjunto de espíritos xamânicos que inter-vêm no crescimento das plantas cultivadas.

35. Essas são folhas embrionárias, ainda enroladas sobre si mesmas (*ako*).

36. O tatu-canastra *waka*, de hábitos noturnos, é um grande apreciador de tubérculos de mandioca.

37. Passarinho que costuma fazer ninho nas pupunheiras *rasa si* e cujo ancestral é um personagem central de seu mito de origem (M 102).

38. Trata-se aqui do *japim verde*, que se vê frequentemente nas roças. As tipoias em que as mães yanomami carregam seus bebês a tiracolo costumam ser fabricadas com a entrecasca das árvores *rai nait'hi*, ou com a casca batida das árvores *yaremaxi hi*.

39. Trata-se aqui do cará-inhame, *wáha a*. Vale notar que os Yanomami coletam várias espécies de inhames selvagens (entre os quais *Dioscorea piperifolia* e *Dioscorea triphylla*) e que essa planta é tema de um mito de origem próprio (M 92), no qual entra numa casa yanomami atendendo ao chamado de uma velha família.

40. Ver o final do mito M 86. As comidas de festas *rahu* evocadas pelos mitos yanomami são, em geral, o milho e os frutos da árvore *monio hi*.

41. A etiqueta cerimonial do *rahu* determina que se tente fazer os convidados ingurgita-

rem o máximo possível de mingau de banana ou de pupunha, a fim de "matá-los" (jocosamente, porém imitando uma incursão guerreira). Sob efeito da indigestão resultante, entram num estado alterado atribuído ao "efeito perigoso (*wari*) do mingau de banana", *kordaha u wai* (ou "do mingau de pupunha", *rasa u wai*).

42. São aqui elencadas as árvores frutíferas *orixi hi*, *hai hi*, *xopa hi*, *makoa hi*, *õema ahi*, *ixoa hi*, *aro kohi* e *okorazi hi*.

43. Fala-se de "maturidade do valor de fertilidade" (*nê rope a t'athé*), de seu valor adocicado (*nê rope a ketete*).

44. O canto desse pássaro é considerado o "chamado anunciador" (*heã*) do "tempo dos macacos gordos" (*paxo pë wite t'êh'ê*), que corresponde aos meses de junho a agosto.

45. Esse ser "desconhecido/invisível" (*yai t'ê*) é designado pela expressão *hutihkarari paxori a nê witep'ê*, aproximadamente: o "ser macaco-aranha do céu com valor de gordura".

46. Os *xapiri* expulsam do útero das mulheres estérteis as concreções (*xapo kiki*) que o obstruem e o limpam. O espírito macaco-aranha em seguida copia com a imagem delas, permitindo assim que seus maridos possam, por sua vez, fecundá-las. Pede-se também aos xanãs que definam o sexo da criança, colocando na imagem da mãe uma tipoia masculina ou feminina.

A FUMAÇA DO METAL

9. IMAGENS DE FORASTEIROS [pp. 221-34]

1. Os antigos Yanomami possuíam facões e cavadeiras de madeira de palmeira, bem como machadinhas de pedra e de casco de tatu-canastra (Albert & Milliken, 2009, pp. 32-4, 101-2).

2. A Comissão Brasileira Demarcadora de Limites (CBDL), que entrou em contato com grupos yanomami isolados no alto rio Muçajá em 1943, atesta a afirmação: "[...] Verificamos entre eles a presença de ferramentas de metal muito gastas [...] Entre tais objetos, notamos um curioso ferro de machado habilmente amarrado a um pedaço de madeira com fibras encerradas: o anel que um dia servira para encaixar o cabo não existia mais e a lâmina estava reduzida a alguns centímetros de seu tamanho original" (Aguiar, 1946).

3. Literalmente *Omanna poo e xiki*, de *poo*, metal, e *xiki* (no plural), que tem aqui o sentido de "matéria de" (*hapaka xi* significa, por exemplo, "argila para cerâmica", *hapaka*). O termo *poo* designa as lâminas de pedra entre os Yanomami orientais (Lizot, 2004, p. 319; Mattéi-Müller, 2007, p. 239), ao passo que, entre os Yanomami orientais, designa as lâminas de metal. É provável, portanto, que o metal tenha sido inicialmente designado como "ferramenta (de pedra) de *Omanna*", de modo que o termo *poo* teria vindo, paulatinamente, a designar o metal, para os Yanomami orientais.

4. As relações genro/sogro (e mais ainda genro/sogra) são marcadas por estritas proibições entre os Yanomami. Para outra versão desse mito, ver M 198 e a variante M 128.

5. Cavadeira (*silhe enama*) de palmeiras *rasa si*, *hoko si* ou *kóanari si*.

6. Em 1958, um relatório do SPI observava: "a mandioca para a fabricação de beijus é realizada com cascas de árvores bem ásperas, o que demonstra seu primitivismo" (Andrade Gomes, 1958). O etnólogo alemão Hans Becher notava, na mesma época, a respeito de uma comunidade